ANAIS DO PAINEL DE DEBATES

ZONA FRANCA DE MANAUS: 2016-2036 – DAS PERSPECTIVAS À CONCRETUDE DE AÇÕES

SUFRAMA
SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

Manaus, Amazonas
2017

ANAIS DO PAINEL DE DEBATES

ZONA FRANCA DE MANAUS: 2016 – 2036 – DAS PERSPECTIVAS À CONCRETUDE DE AÇÕES

1ª Edição

Manaus, Amazonas
SUFRAMA
2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Roseli Leal Souza – Bibliotecária CRB-11/842

P144a Painel de Debates (2017: Manaus, AM)
Anais...: Zona Franca de Manaus 2016-2036 – das perspectivas à concretude de ações./ Coordenação: Ana Maria Oliveira de Souza.
52 p.

ISBN: 978-85-60602-41-4

1. Desenvolvimento Regional – Amazônia; 2. Polo Industrial de Manaus – PIM. 3. Zona Franca de Manaus – ZFM. 4. Suframa. 5. Distrito Agropecuário da Suframa – DAS. 6. Rosângela López Alanís. 7. Renato Mendes Freitas. 8. Jessé Rodrigues dos Santos; 9. Ênio Neves de Souza. 10. Patry Marques Boscá. I. Título.

CDU:332.1(811.3)

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Michel Temer

MINISTRO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
Marcos Pereira

Suframa – SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS

Superintendente
Rebecca Martins Garcia

Superintendente Adjunto Executivo, em exercício
Leonardo Perdiz da Costa

Superintendente Adjunto de Projetos, em exercício
José Lopo de Figueiredo Filho

Superintendente Adjunto de Planejamento e Desenvolvimento Regional
Marcelo Souza Pereira

Superintendente Adjunto de Operações, em exercício
João Carlos Paiva da Silva

UNIDADE RESPONSÁVEL
Coordenação Geral de Estudos Econômicos e Empresariais – COGEC

FICHA TÉCNICA

Coordenação do Painel de Debates
Ana Maria Oliveira de Souza
Renato Mendes Freitas
Equipe Técnica
Ana Cláudia Monteiro (organização)
Érica Rabelo Freire (organização)
Rosângela Alanís (relatoria, edição e textos)
Jessé Rodrigues dos Santos (textos)
Patry Marques Boscá (textos)
Dave Mcliam Alves da Silva
Edimary Porto Dias
Evelyne Lima de Souza
Leonardo Perdiz da Costa
Matheus Assis dos Santos Vaz
Plínio Ivan Pessoa
Rafael Soares Gouveia

Ênio Neves de Souza (colaboração - textos)

APRESENTAÇÃO

A Superintendência da Zona Franca de Manaus completa no dia 28 de fevereiro 49 anos de contribuição à socioeconomia da região.

Os eventos comemorativos desta semana representam uma singela homenagem à construção de um projeto de desenvolvimento alicerçado na luta diária das gerações que nos antecederam na história desta Instituição e da Zona Franca de Manaus. A história da região amazônica se confunde com a história da Zona Franca de Manaus e será sempre um paradigma de mudanças construído por gerações de amazônidas.

O futuro de uma sociedade se faz a partir do respeito ao passado. As gerações de empresários, servidores, técnicos e políticos da região foram fundamentais para solidificar uma política de Estado na região, cuja orquestra vem sendo conduzida pela Suframa ao longo de sua história. Autarquia federal com peso ímpar no processo histórico, econômico, social e ambiental.

Importante destacar que este é um momento importante, quando a economia apresenta dificuldades em todo o País, e em que somos cobrados pela sociedade, pelas empresas, para apresentarmos caminhos para superarmos as dificuldades.

Esse debate é uma oportunidade para repensarmos o nosso modelo, para definir onde queremos chegar. Por isso definimos o período 2016- 2036, pois vinte anos seria um prazo interessante para que possamos construir juntos um objetivo. O prazo de 20 anos não é aleatório; é o prazo mínimo que a indústria costuma se planejar para o futuro, por isso a Suframa não poderia pensar num plano industrial que fosse diferente. Sem dúvida, trata-se de um momento bastante oportuno para o Polo Industrial de Manaus, para que possamos saber de que maneira poderemos sair fortalecidos a partir das dificuldades que enfrentamos atualmente.

Na data de hoje, ao abrirmos a semana de comemorações do aniversário da Suframa, procuramos homenagear todos os atores que fizeram parte desta Instituição, assim como do Projeto Zona Franca de Manaus, recentemente impulsionado pela regulamentação da Zona Franca Verde e dos municípios que compõem a Amazônia Ocidental.

Além deste Seminário, realizamos uma exposição embrionária, que representa acima de tudo o respeito singelo e histórico ao que foi construído, incluindo imagens de personagens históricos e de produtos produzidos na ZFM ou importados, desde o final da década de 60 até os dias atuais.

Os incentivos extrafiscais da Zona Franca de Manaus, das Áreas de Livre Comércio e da Amazônia Ocidental administrados pela Suframa, incorporados definitivamente ao processo de desenvolvimento que a região sofreu nos últimos anos, estão de alguma forma representados nesta vitrine histórica.

Desejamos que este embrião expositivo se transforme efetivamente na materialização do reconhecimento cognitivo da sociedade amazonense a todos aqueles de alguma forma contribuíram para a construção de um projeto de desenvolvimento tão auspicioso.

REBECCA MARTINS GARCIA
SUPERINTENDENTE

SUMÁRIO

1. PROGRAMA 6

Palavras iniciais: REBECCA MARTINS GARCIA – SUPERINTENDENTE DA ZONA FRANCA DE MANAUS 8

2. ABERTURA 9

3. Sub-painel 1 – Plano Diretor Industrial 2016 e os cenários factíveis para a Indústria no Amazonas 10

3.1. Apresentação Raimundo Lopes – FIEAM 10

3.2 Apresentação do empresário Wilson Périco – Centro das Indústrias do Estado do Amazonas – CIEAM 18

3.3. Apresentação da Profª DSc. Therezinha Fraxe – Universidade Federal do Amazonas – UFAM 29

4. Zona Franca de Manaus – 2016 a 2036: das perspectivas à concretude das ações 43

4.1 Apresentação 43

4.1.1 – Os desafios para o modelo em perspectiva institucional 44

4.2 Os entraves operacionais enfrentados pela Suframa 46

4.2.1 Aspectos relacionados ao PIM 47

4.2.2 Aspectos relacionados ao Distrito Agropecuário da Suframa 48

4.2.2.1 Monitoramento da área do DAS por sensoriamento remoto 49

1. PROGRAMA

PAINEL DE DEBATES
ZONA FRANCA DE MANAUS: 2016 – 2036 – DAS PERSPECTIVAS
À CONCRETUDE DE AÇÕES

DIA: 23/FEVEREIRO/2016 – HORÁRIO: 9h às 12h
LOCAL: AUDITÓRIO FLORIANO PACHECO

OBJETIVO DO PAINEL: promover o debate com atores que detenham expertise e abalizamento cognitivo sobre temas estratégicos que irão compor os próximos cenários da economia na região, em especial neste momento sobre as diretrizes para a indústria de transformação e a agropecuária.

JUSTIFICATIVA DO TEMA

O Amazonas vive um dilema quanto ao que fazer diante da crise econômica vivida pela indústria brasileira, neste particular pela indústria da transformação e os caminhos para dinamizar o setor agropecuário. É vasta a literatura técnico-científica em reconhecer que a participação da indústria de transformação no PIB, em termos de Brasil, se reduziu de forma significativa nos últimos anos, Tabela 01, não sendo diferente a mesma conclusão para a indústria de transformação no Estado do Amazonas, vista pela Tabela 02. Enquanto a participação da indústria de transformação no valor adicionado bruto cai 23% no período de 2002 a 2012; no Amazonas a queda da participação foi de 33% no mesmo período. Segundo Frischtak e Davies, há um ***envelhecimento precoce*** do setor manufatureiro, a que se atribuem as políticas errôneas no plano macroeconômico no contexto da "nova matriz" – "*uma mistura de política fiscal expansionista, taxa de juros "fora do lugar" com a explosão do crédito direcionado e câmbio sobrevalorizado".*

Atividades econômicas	Participação no valor adicionado bruto a preços básicos (%)										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Brasil											
Total	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**
Agropecuária	**6,6**	**7,4**	**6,9**	**5,7**	**5,5**	**5,6**	**5,9**	**5,6**	**5,3**	**5,5**	**5,3**
Indústria	**27,1**	**27,8**	**30,1**	**29,3**	**28,8**	**27,8**	**27,9**	**26,8**	**28,1**	**27,5**	**26,0**
Indústria extrativa	1,6	1,7	1,9	2,5	2,9	2,3	3,2	1,8	3,0	4,1	4,3
Indústria de transformação	16,9	18,0	19,2	18,1	17,4	17,0	16,6	16,6	16,2	14,6	13,0
Construção civil	5,3	4,7	5,1	4,9	4,7	4,9	4,9	5,3	5,7	5,8	5,7
Produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana.	3,3	3,4	3,9	3,8	3,8	3,6	3,1	3,1	3,2	3,1	3,1
Serviços	**66,3**	**64,8**	**63,0**	**65,0**	**65,8**	**66,6**	**66,2**	**67,5**	**66,6**	**67,0**	**68,7**
Comércio	10,2	10,6	11,0	11,2	11,5	12,1	12,5	12,5	12,5	12,6	12,7
Transportes, armazenagem e correio	4,8	4,7	4,7	5,0	4,8	4,8	5,0	4,8	5,0	5,1	5,4
Serviços de informação	3,6	3,6	3,8	4,0	3,8	3,8	3,8	3,6	3,2	3,0	2,9
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados.	7,5	7,1	5,8	7,1	7,2	7,7	6,8	7,2	7,5	7,4	7,2
Atividades imobiliárias e aluguéis	10,2	9,6	9,1	9,0	8,7	8,5	8,1	8,4	7,8	7,9	8,2

Administração, saúde e educação públicas e seguridade social.	15,5	15,1	14,7	15,0	15,3	15,5	15,8	16,3	16,2	16,3	16,6
Outros serviços	14,6	14,0	13,8	13,8	14,5	14,2	14,1	14,7	14,3	14,5	15,7

Tabela 01 - Participação no valor adicionado bruto a preços básicos (%) - BRASIL
Fonte: IBGE

Atividades	Participação no valor adicionado bruto a preços básicos (%)										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Amazonas											
Total	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**
Agropecuária	**7,2**	**6,0**	**4,7**	**5,2**	**5,0**	**4,8**	**5,4**	**5,1**	**6,2**	**6,9**	**7,4**
Indústria	**44,2**	**45,0**	**46,7**	**44,3**	**45,7**	**42,5**	**41,4**	**41,5**	**43,9**	**41,7**	**36,7**
Indústria extrativa	1,9	2,0	2,1	2,6	2,8	2,2	2,7	1,3	1,5	3,1	3,8
Indústria de transformação	36,6	37,7	37,2	35,7	36,8	32,8	30,7	32,0	33,9	30,5	24,7
Construção civil	5,1	4,7	5,9	5,0	5,0	5,5	5,7	6,0	6,2	5,7	5,5
Produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana.	0,6	0,7	1,5	1,0	1,2	2,0	2,2	2,1	2,2	2,4	2,8
Serviços	**48,6**	**48,9**	**48,6**	**50,5**	**49,3**	**52,7**	**53,2**	**53,4**	**49,9**	**51,4**	**55,9**
Comércio	8,6	9,7	8,9	9,6	8,6	11,3	10,8	10,8	9,8	10,6	10,9
Transportes, armazenagem e correio	4,0	4,9	5,2	4,9	4,9	5,2	5,8	4,8	5,0	4,9	5,6
Serviços de informação	1,5	2,0	1,7	2,1	1,8	2,2	1,9	1,7	1,5	1,5	1,4
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados.	2,2	1,9	1,6	2,0	2,0	2,4	2,1	2,2	2,2	2,5	2,5
Atividades imobiliárias e aluguéis	6,6	6,1	6,0	6,4	5,6	5,6	5,6	5,9	5,1	5,1	5,5
Administração, saúde e educação públicas e seguridade social.	17,2	16,8	15,8	16,7	17,0	16,8	17,8	17,8	17,5	17,7	18,8
Outros Serviços	8,4	7,6	9,4	8,9	9,4	9,3	9,3	10,1	8,8	9,2	11,2

Tabela 02 - Participação no valor adicionado bruto a preços básicos (%) - AMAZONAS
Fonte: IBGE

"A história é um infindável diálogo entre passado e futuro. Um passado irrevogável, mas constantemente revisitado e reinterpretado à luz de inquietações, exigências e receios do presente. E de desejos, sonhos e expectativas quanto ao futuro. Um futuro que, como escreveu Borges, antes de se converter em presente e passado, realiza ensaios. A forma que assumem esses ensaios são exatamente aqueles desejos, sonhos e expectativas que, quer se realizem quer não, constituem, no presente, a memória do futuro". (Pedro Malan)

ESTRUTURA DOS PAINÉIS

23/02/2016 (Terça-Feira)

8h às 9h - CREDENCIAMENTO

ABERTURA – 9h às 9h15

Palavras iniciais: REBECCA MARTINS GARCIA – SUPERINTENDENTE DA ZONA FRANCA DE MANAUS

9h20 – Composição dos Painéis com Convidados Especiais

9h30 às 10h45
SUB-PAINEL 1 – PLANO DIRETOR INDUSTRIAL 2016 -2036 E OS CENÁRIOS FACTÍVEIS PARA A INDÚSTRIA NO AMAZONAS

Coordenador do painel: **PHD. MAURO THURY – UFAM**

Participantes:

- **RAIMUNDO LOPES** – FEDERAÇÃO DAS ÍNDÚSTRIAS DO ESTADO DO AMAZONAS – FIEAM
- **WILSON PÉRICO** – CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO AMAZONAS – CIEAM
- **JOSÉ LAREDO** – CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA DO ESTADO DO AMAZONAS – CORECON-AM
- **THOMAZ NOGUEIRA** – GOVERNO DO ESTADO DOA AMAZONAS/SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
- **Prof. DSc. JOSÉ ALBERTO MACHADO** – SOCIEDADE CIVIL

10:45h às 12:00h
SUB-PAINEL 2 – GOVERNANÇA E DESENVOLVIMENTO ESTRATÉGICO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA NO AMAZONAS

Coordenador do painel: **Doutorando EVANDRO BRANDÃO BARBOSA** – UFAM/ULBRA

Participantes:

- **MUNI LOURENÇO** – FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO AMAZONAS – FAEA
- **RAIMUNDO LOPES** – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA
- **DSc. LUÍS ANTÔNIO OLIVEIRA** – INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA – INPA
- **Profª DSc. THEREZINHA FRAXE** – UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM

2. ABERTURA

O painel "Zona Franca de Manaus – 2016-2036 – das perspectivas à concretude das ações" tem por objetivo debater dois principais assuntos: o primeiro, focado na indústria, e o segundo, com foco na agropecuária.

Todos os participantes foram especialmente convidados pelo seu reconhecido conhecimento intelectual: estudiosos e empresários que detêm uma expertise interna e externa da Zona Franca de Manaus e da Suframa.

Então, todas as autoridades presentes ao evento, de alguma forma, têm o abalizamento para que se possa vislumbrar, nos próximos anos, alguns cenários diante da situação econômica do Estado do Amazonas, e do País.

Também será levada em consideração, para análise, a atual conjuntura, em que se precebe nitidamente uma diminuição nos postos de trabalho, redução do tamanho do nosso parque indutrial, e consequentemente o reolhimento da nossa economia.

A crise econômica vivida pela indústria brasileira, em particular pela indústria da transformação, coloca o Estado do Amazonas diante de um grande dilema no que diz respeito à decisão sobre quais caminhos seguir para enfrentar o grande desafio de dinamizar sua economia e proporcionar emprego e renda de forma sustentável.

Desse modo, os atores envolvidos neste debate, têm a missão de nos conduzir diante de cenários para um novo horizonte, para que possamos construir, da melhor forma possível, um futuro promissor, ou mesmo dar encaminhamentos factíveis e concretos, no sentido de buscar soluções para amenizar os efeitos negativos sobre a economia em âmbito regional.

Estamos certos de que este é o passo inicial para uma nova fase de superação da Zona Franca de Manaus, assim como outras já enfrentadas e devidamente superadas.

Um momento de compreensão, reflexão e planejamento para adaptação à nova realidade econômica, política e social dos tempos atuais, em âmbito regional, nacional e internacional.

ANA MARIA OLIVEIRA DE SOUZA, MSc.
Coordenadora-Geral de Estudos Econômicos e Empresariais

3. Sub-painel 1 – Plano Diretor Industrial 2016 e os cenários factíveis para a Indústria no Amazonas

Coordenador do painel: **PHD. MAURO THURY – UFAM**

Participantes:

- **RAIMUNDO LOPES – FEDERAÇÃO DAS ÍNDÚSTRIAS DO ESTADO DO AMAZONAS – FIEAM**
- **WILSON PÉRICO – CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO AMAZONAS – CIEAM**
- **JOSÉ LAREDO – CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA DO ESTADO DO AMAZONAS – CORECON-AM**
- **THOMAZ NOGUEIRA – GOVERNO DO ESTADO DOA AMAZONAS/SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
- **Prof. DSc. JOSÉ ALBERTO MACHADO – SOCIEDADE CIVIL**

3.1. Apresentação Raimundo Lopes – FIEAM

Um cenário do Polo Industrial de Manaus (PIM) até 2073 foi apresentado pelo representante da FIEAM, Raimundo Lopes, que informou que sua apresentação é parte da conclusão de estudo feito pela Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM), no período de 2014-2015.

Foi apresentado um rápido resumo do cenário atual da Zona Franca de Manaus (ZFM), especialmente no que se refere à vigência do modelo, desde a criação da ZFM, passando pelas diversas prorrogações até a última, que vai até 2073.

Lopes destacou alguns dos principais segmentos do parque industrial, que hoje conta com a predominância do setor eletroeletrônico, que somado ao setor de informática soma mais de 50% da produção da ZFM.

O sistema viário do Distrito Industrial foi citado como uma carência gritante, ficando por longo tempo sem uma definição de responsabilidade da manutenção, e que hoje está definitivamente a cargo da Prefeitura Municipal de Manaus. Outro ponto destacado é a indisponibilidade de lotes no Distrito Industrial, o que dificulta bastante a implantação de novos empreendimentos e provocou uma especulação imobiliária muito grande na capital.

A logística é o principal gargalo, segundo Lopes, que chamou atenção para o fato de não haver um porto público em Manaus. O porto do Centro da cidade, construído pelos ingleses foi privatizado e desqualificado pela Receita Federal e não atende mais as empresas do Polo Industrial. O projeto do porto que seria construído na área da Siderama não caminhou e o Chibatão e o Superterminais dominam o mercado portuário na cidade de Manaus.

Quanto à BR-319, Lopes lembra que esta foi uma rodovia trafegável na década de 70, embora com deficiência, com redução do trem de carga por eixo de 10 toneladas, enquanto uma rodovia considerada de primeira classe suportam uma carga de 20

toneladas por eixo. Essa limitação aumentava os custos logísticos de modo geral, porque obrigada os caminhões a distribuírem a carga em veículo menores em Porto Velho, para se adequar às características da estrada. A informação passada à que obtivemos é que essa rodovia será reconstruída com essas características.

Segundo o representante da FIEAM, o Amazonas não tem hidrovias de fato, porque as calhas dos rios no Estado, especialmente a do rio Amazonas não estão preparadas para permitir a navegação com segurança. Lopes citou Euclides da Cunha para ressaltar que o Amazonas dispõe de aproximadamente 20 mil quilômetros de rios navegáveis, e ressaltou que existe a hidrovia do Rio Madeira que foi balizada por uma empresa privada e que opera com o transporte de soja de Porto Velo para Manaus, mas a calha principal, a do rio Amazonas, precisa ser transformada em uma hidrovia onde se possa navegar com segurança.

Quanto a questões burocráticas, a falta de autonomia administrativa e financeira da Suframa foi citada como um fator negativo, bem como a falta de articulação entre as três agências de desenvolvimento no Estado: Suframa, SUDAM e SEPLAN-CTI, o que exige três roteiros diferentes para implantação e acompanhamento de projetos. A demora na aprovação dos Processos Produtivos Básicos (PPBs), e ainda a pouca autonomia da Suframa no processo de análise e aprovação também foram pontos apontados como entrave para as empresas que pretendem atuar no Polo Industrial de Manaus.

Para o representante da FIEAM, a consolidação dos diversos segmentos do PIM está vinculada à renovação e ao desenvolvimento tecnológico, o que depende de estímulo e incentivo por parte do poder público. Ele também chamou atenção para a necessidade de uma campanha de divulgação do modelo Zona Franca de Manaus junto aos investidores em potencial, incluisve no que diz respeito a feiras nacionais e internacionais.

No que diz respeito às culturas tradicionais, Lopes afirma que o Amazonas tem culturas já consolidadas que estão perdendo espaço, e que poderiam estar suprindo as empresas do PIM como matéria-prima para a indústria. É o caso do guaraná, por exemplo: o Estado detém quase toda a produção de concentrados para refrigerantes consumidos em todo o País, mas não há oferta local suficiente para atender essa demanda, levando as empresas a buscarem o fruto em São Paulo e Bahia. Isso também ocorre com as fibras vegetais, cuja safra chegou a ser de 14 mil toneladas/ano, e que hoje está abaixo de 3 mil toneadas/ano, obrigando as empresas a importarem esse produto da Ásia. A borracha é outro exemplo: atraímos para o Amazonas um fabricante de pneus e câmaras, mas hoje o Estado precisa importar o látex de Sâo Paulo, já que não existe produção local suficiente. Lopes citou ainda a mandioca. Uma empresa que tinha intenção de fabricar plástico com fécula de mandioca não conseguiu encontrar o produto nas condições ideais para ser utilizado como insumo. Dendê, soja, cana-de-acúcar e a madeira de manejo também poderiam ser aproveitados pela indústria local, desde que haja produção em escala. O setor mineral é outros setor com grande potencial a ser explorado, segundo o painelista.

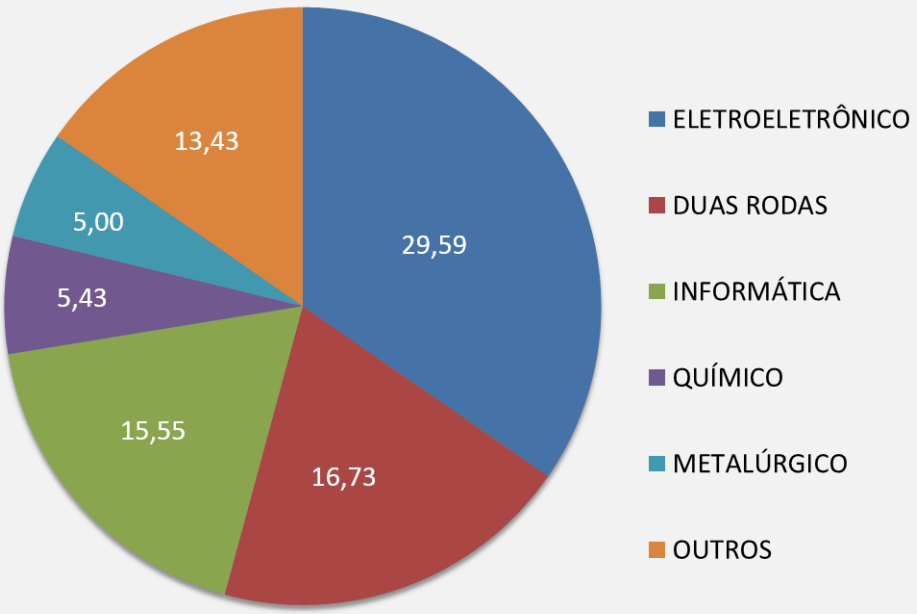
Lopes encerrou sua participação elencando as principais dificuldades a vencer: a guerra fiscal, a reforma tributária, a convergência digital (especialmente para o segmento eletroeletrônico), a infraestrutura deficitária, qualificação da mão-de-obra, e finalmente, a burocracia.

CENÁRIO ATUAL

1. Vigência do MODELO

1967/1997
1997/2013
2013/2023
2023/2073

2. Principais POLOS

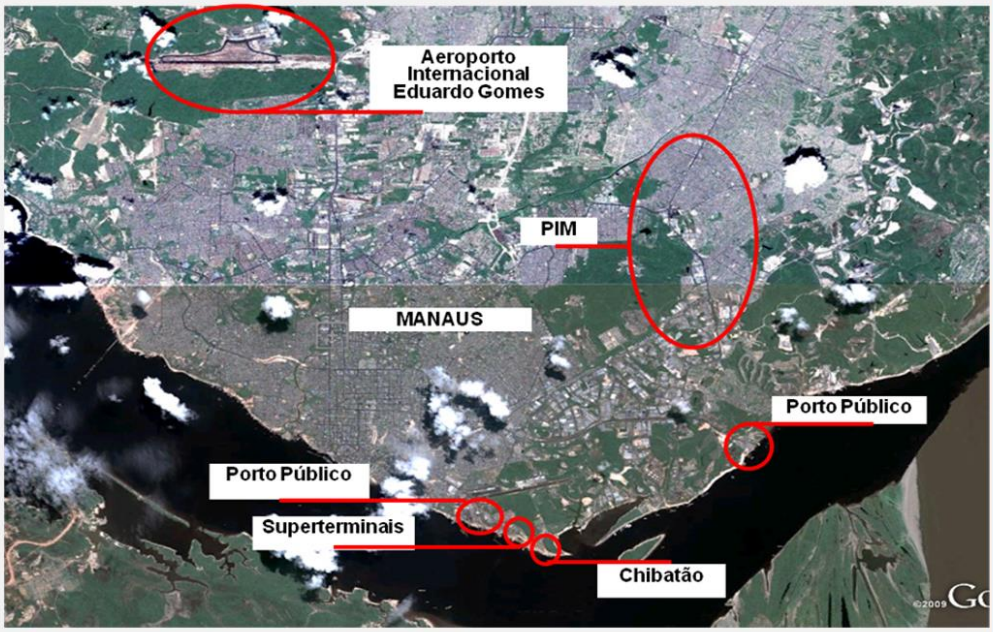


3. INFRAESTRUTURA

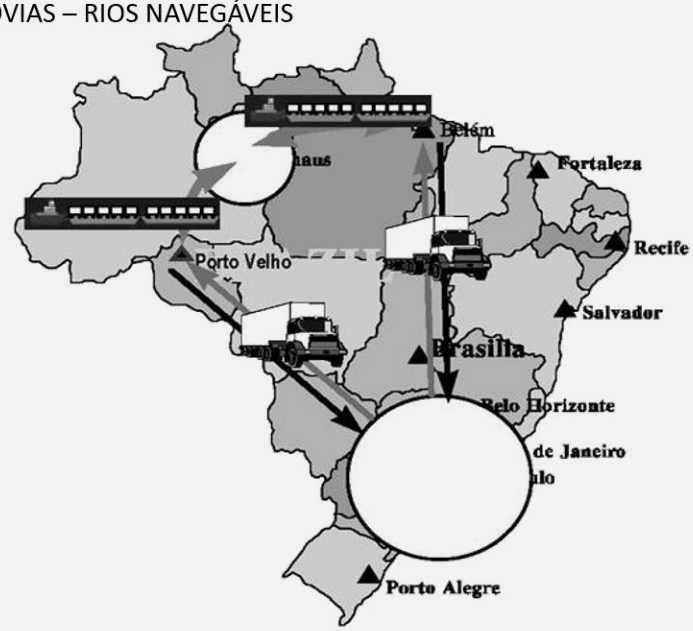
DISTRITO INDUSTRIAL - SIST.VIÁRIO DEFICIENTE E INEXISTÊNCIA DE LOTES A PREÇOS SUBSIDIADOS PARA IMPLANTAÇÃO DE NOVOS EMPREENDIMENTOS

4. LOGÍSTICA

4.1.INEXISTÊNCIA DE PORTO PÚBLICO



4.2. RODOVIA BR-319 – INTRANSITÁVEL
4.3. HIDROVIAS – RIOS NAVEGÁVEIS



5. BUROCRACIA

- REDUÇÃO DA AUTONOMIA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA DA SUFRAMA, COM REFLEXOS NEGATIVOS NO CUMPRIMENTO DOS PRECEITOS LEGAIS QUE DETERMINAM A ELABORAÇÃO DO PLANO DIRETOR PLURIANUAL, PLANOS E PROJETOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA OCIDENTAL;
- FALTA DE ARTICULAÇÃO COM A SUDAM E OS GOVERNOS DOS ESTADOS E DOS MUNICÍPIOS DA AMAZÔNIA OCIDENTAL NA ELABORAÇÃO E EXECUÇÃO DE PROGRAMAS DE INTERESSE PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL;
- FALTA DE PADRONIZAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS PARA APROVAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DOS PROJETOS PELAS AGÊNCIAS QUE ADMINISTRAM OS INCENTIVOS FISCAIS NA ZFM;
- DEMORA NA EXPEDIÇÃO DOS PROCESSOS PRODUTIVOS BÁSICOS (PPB), EXTRAPOLANDO O PRAZO LEGAL DE 120 DIAS.

CENÁRIO FUTURO

- CONSOLIDAÇÃO DOS POLOS INDUSTRIAIS HOJE EXISTENTE ATRAVÉS DE INCENTIVOS À CONSTANTE RENOVAÇÃO TECNOLÓGICA E A FLEXIBILIZAÇÃO DOS PPB's;
- INCREMENTO DAS EXPORTAÇÕES EMBASADO EM INCENTIVOS ESPECÍFICOS QUE COMPENSEM A FALTA DE COMPETITIVIDADE DOS PRODUTOS MANUFATURADOS NA ZFM;
- INCENTIVO A PRODUÇÃO DAS CULTURAS TRADICIONAIS (GUARANÁ, FIBRAS VEGETAIS, BORRACHA E MANDIOCA) PARA ATENDIMENTO DA DEMANDA LOCAL;
- AÇÃO GOVERNAMENTAL PARA REDUÇÃO DAS DEFICIÊNCIAS ATUAIS DA INFRAESTRUTURA, LOGÍSTICA E BUROCRACIA NA GESTÃO DO MODELO;
- EFETIVA DIVULGAÇÃO DOS INCENTIVOS FISCAIS DA ZFM NAS ENTIDADES DE CLASSE EMPRESARIAIS ATRAVÉS DE SEMINÁRIOS, FEIRAS E OUTROS MECANISMOS A SEREM REALIZADOS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAÍS PARA ATRAÇÃO DE NOVOS INVESTIMENTOS;
- RESGATE DA AUTONOMIA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA DA SUFRAMA PARA QUE A AUTARQUIA POSSA VOLTAR A INVESTIR NO DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA OCIDENTAL.

OPÇÕES DE INVESTIMENTOS

MATÉRIA PRIMA PARA A INDÚSTRIA

- ÓLEOS VEGETAIS (DENDÊ E SOJA)
- CANA DE AÇÚCAR (AÇÚCAR E ÁLCOOL)
- GUARANÁ (EXTRATO E CONCENTRADO)
- MANDIOCA (FÉCULA)
- MADEIRA
- MINERAIS
- BORRACHA (PNEUS E CÂMARAS DE AR)
- FIBRAS VEGETAIS (JUTA E MALVA)

PRINCIPAIS ÓBICES

- GUERRA FISCAL
- REFORMA TRIBUTÁRIA
- CONVERGÊNCIA DIGITAL
- LOGÍSTICA INADEQUADA
- INFRAESTRUTURA DEFICIENTE
- QUALIFICAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA
- POLÍTICA INDUSTRIAL DO PAÍS
- BUROCRACIA

"

O melhor programa econômico de governo é não atrapalhar aqueles que produzem, investem, poupam, empregam, trabalham e consomem".

Barão de Mauá (1813-1889)

"

OBRIGADO

3.2 Apresentação do empresário Wilson Périco – Centro das Indústrias do Estado do Amazonas – CIEAM

A percepção da atividade da indústria no Estado do ponto de vista do Cieam foi apresentada pelo diretor da entidade, Wilson Périco, em sua participação no Painel de Debates "Zona Franca de Manaus: 2016-2036 – das Perspectivas à Concretude de Ações".

Ele iniciou reforçando a necessidade de maior divulgação do modelo ZFM em âmbito nacional e internacional, como foi exposto anteriormente pelo representante da Fieam.

Périco contextualizou historicamente o modelo ZFM, que se reflete no terceiro ciclo econômico do Estado, sendo o primeiro ciclo o do extrativismo da borracha, entre 1879 e 1912, e posteriormente, no período da 2ª Guerra Mundial; e o segundo ciclo, o do comércio de importados, com o início da Zona Franca de Manaus.

O representante do Cieam destacou o fato de que, no passado, ninguém acreditava que se pudesse produzir mais borracha, juta e malva do que o Estado do Amazonas, por ter essa riqueza nativa, e como não se buscou novas tecnologias para essa atividade, outros Estados brasileiros, como Bahia e São Paulo, tornaram-se os

maiores produtores de borracha do País, e a Malásia, o maior exportador mundial desse produto; atualmente, no Amazonas, praticamente inexiste essa produção.

Referindo-se à implantação do modelo Zona Franca de Manaus, Périco fez referência à primeira fase, de 1967 a 1975, caracterizada pelo estímulo à substituição de importações de bens finais e formação de mercado interno. Nesse período havia predominância da atividade comercial (o comércio de importados), quando havia um grande fluxo turístico doméstico, estimulado pela venda de produtos importados, àquela época proibida no restante do País.

No que diz respeito ao Polo Industrial de Manaus, o representante do Cieam destaca que os resultados nos últimos cinco anos, em termos de faturamento, não têm apresentado crescimento, com queda muito sensível em 2015, que ultrapassa a questão cambial. Destacou que o PIM teve faturamento de US$ 23,85 bilhões (R$ 78,46 bilhões) em 2015, e que o polo está calcado em quatro ou cinco principais produtos: televisor com tela LCD, motocicleta, telefone celular, condicionador de ar, e receptor de sinal de TV (*slide* 4).

Ele também comentou a queda da mão-de-obra no PIM, comparando a média anual em 2014, de 122.178 empregos, contra 104.721 em 2015 (*slide* 5).

Outro ponto abordado pelo palestrante refere-se à arrecadação de tributos federais, lembrando que o Amazonas é o maior arrecadador da Região Norte, responsável por 47,12% do total arrecadado em 2014, contribuindo com R$ 13,71 bilhões dos R$ 29,10 bilhões arrecadados em 2014 (*slide* 7).

Em âmbito estadual, 95% do ICMS do Estado do Amazonas é arrecadado pelo município de Manaus, em decorrência do Polo Industrial de Manaus, salientou Wilson Périco (*slide* 10), acrescentando que também há forte impacto do PIM na arrecadação do Imposto sobre Serviços (ISS), no âmbito municipal.

Périco mencionou ainda outras taxas e impostos obrigatórios pagos pelas empresas do PIM, como a TSA – Taxa de Serviços Administrativos da Suframa, os recursos de Pesquisa & Desenvolvimento (pelos fabricantes de produtos de informática), e os fundos estaduais: FTI (Fundo de Fomento ao Turismo, Infraestrutura, Serviços e Interiorização do Desenvolvimento do Amazonas), FMPE (Fundo de Apoio às Micro e Pequenas Empresas e ao Desenvolvimento Social do Estado do Amazonas) e os recursos para a UEA (Universidade do Estado do Amazonas), que totalizam um montante de aproximadamente R$ 6,8 bilhões no período de 2010 a 2014.

Entre as alternativas propostas pelo painelista para o Estado do Amazonas destacam-se: maior autonomia para o Estado, deixando de depender tanto do Parlamento e do Poder público federal para manter o seu desenvolvimento econômico; preservação e fortalecimento do Polo Industrial de Manaus; alternativas econômicas para o interior do Estado voltadas para o turismo, minérios, piscicultura, agricultura, cosméticos, fármacos, nutracêuticos, entre outras.

Wilson Périco encerrou sua apresentação com uma mensagem de otimismo em relação ao futuro, lembrando que “nosso País já passou por vários desafios, e que nosso Estado já superou tantos outros, sendo este momento mais um desafio que também deverá superado”.

CIEAM
INDICADORES INDUSTRIAIS ZFM
2015
ATUALIZADO EM FEV/2016

Sustentação Sócio-economica do Estado do Amazonas
Extrativismo
✓ Ciclo da borracha – Auge de 1879 e 1912
✓ Sobrevida entre 1942 e 1945, durante a II Guerra Mundial (1939-1945)
✓ Juta e malva também eram produtos de nossa economia.
Implantação do modelo Zona Franca – Comércio
✓ Primeira fase, de 1967 a 1975 - caracterizava-se pelo estímulo à substituição de importações de bens finais e formação de mercado interno.
Aspectos relevantes:
• predominância da atividade comerical (sem limitação de importação de produtos, exceto armas e munições, fumos, bebidas alcoólicas, automóveis de passageiro e perfumes);
• grande fluxo turístico doméstico, estimulado pela venda de produtos cuja importação estava proibida no restante do país;
Atual - Atividade do Polo Industrial
CIEAM
2

FATURAMENTO TOTAL DO POLO INDUSTRIAL DE MANAUS

CRESC. ANUAL		
ANOS	R$	US$
2011 / 2010	11,67%	17,06%
2012 / 2011	6,83%	-8,64%
2013 / 2012	13,33%	2,65%
2014 / 2013	4,91%	-3,68%
2015 / 2014:	-10,21%	-35,75%

Fonte: COISE/CGPRO/SAP – SUFRAMA

CIEAM 3

DESTAQUES NO FATURAMENTO DE 2015

PRODUTOS	UNIDADE	PRODUÇÃO 2015(*)	2015			
			FATURAMENTO		% NO FATURAMENTO	
			R$ 1,00	US$ 1,00	R$	US$
TELEVISOR C/ TELA LCD	UNIDADE	9.442.931	11.343.804.085	3.451.852.707	14,46%	14,47%
MOTOCICLETAS,MOTONETAS E CICLOMOTO	UNIDADE	1.262.310	10.365.582.828	3.176.442.334	13,21%	13,32%
TELEFONE CELULAR	UNIDADE	15.017.991	7.120.727.100	2.186.874.790	9,07%	9,17%
CONDICIONADOR DE AR SPLIT SYSTEM	UNIDADE	3.978.417	3.334.216.964	981.706.378	4,25%	4,12%
RECEPTOR DE SINAL DE TELEVISAO	UNIDADE	10.044.571	1.987.586.362	615.868.672	2,53%	2,58%
RELOGIO DE PULSO E BOLSO	UNIDADE	9.289.420	1.325.693.155	396.656.593	1,69%	1,66%
TELEJOGO	UNIDADE	929.181	1.007.932.575	295.652.720	1,28%	1,24%
FORNO MICROONDAS	UNIDADE	3.538.322	981.850.923	301.334.319	1,25%	1,26%
PLACA DE CIRCUITO IMPRESSO MONTADA (USO EM INFORMATICA)	UNIDADE	10.985.285	955.548.877	288.973.261	1,22%	1,21%
RADIOS APARS/REPRS/GRAVS AUDIO (NÃO PORTÁTIL) INCLUSIVE TOCA DISCO DIG. A LASER	UNIDADE	1.269.578	802.966.203	244.229.527	1,02%	1,02%

Fonte: COISE/CGPRO/SAP – SUFRAMA

TOTAL DO FATURAMENTO DO PIM	
R$	US$
78.467.105.750	23.850.992.195

CIEAM 4

Arrecadação de tributos federais

"A Zona Franca De Manaus não é um paraiso fiscal, **mas sim, um paraiso do fisco**"

Prof. Samuel Bechimol – Amazônia um pouco-antes e além-depois.

- Amazonas
- Espírito Santo
- Santa Catarina
- Minas Gerais
- Paraná
- Rio Grande do Sul
- Rio de Janeiro
- São Paulo

CIEAM 6

Exportação líquida de recursos do Amazonas para União, em R$ milhões

Recursos enviados e recebidos	2012		2013		2014	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Arrecadação Federal	8.958,75	-	12.967,07	-	13.716,63	-
Transferências Constitucionais e as Decorrentes de Legislação Específica	3.779,60	42,19%	3.585,50	27,65%	3.912,64	28,52%
Recursos Líquidos Exportados	5.179,15	-	9.381,57	-	9.803,99	-

Arrecadação: www.receita.fazenda.gov.br/Historico/Arrecadacao/PorEstado/default.htm, acessado em 25/07/2015
Transferências: http://www.portaldatransparencia.gov.br/downloads/, acessado em 25/07/2015
Nota: As transferências constitucionais e as decorrentes de legislação específica se referem ao Programa Código 900.

Arrecadação Federal na 2a. Região Fiscal da Receita Federal do Brasil, em R$ milhões

Estados	2012		2013		2014	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Amazonas	8.958,75	56,74%	12.967,07	47,86%	13.716,63	47,12%
Demais (AC/AP/PA/RO/RR)	6.829,99	43,26%	14.126,37	52,14%	15.393,28	52,88%
TOTAL	15.788,74	100,00%	27.093,44	100,00%	29.109,91	100,00%

Fonte: www.receita.fazenda.gov.br/Historico/Arrecadacao/PorEstado/default.htm, acessado em 23/05/2015
Nota: A 2ª região fiscal da Receita Federal do Brasil equivale à região Norte exclusive o estado de Tocantis

CIEAM 7

Demonstrativo dos Gastos Tributários (Renúncia Fiscal) por região, em R$ bilhões

Região	Estimativas Bases Efetivas 2012							
	2011		2012		2013		2014	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Norte	24,17	15,9%	26,74	14,7%	30,89	13,7%	31,33	12,3%
Nordeste	18,48	12,1%	22,12	12,1%	26,04	11,5%	29,04	11,4%
Centro Oeste	10,66	7,0%	13,08	7,2%	16,35	7,2%	18,34	7,2%
Sudeste	75,11	49,3%	90,84	49,8%	115,91	51,4%	134,57	53,0%
Sul	23,98	15,7%	29,64	16,2%	36,45	16,2%	40,61	16,0%
Total	152,4	100,0%	182,42	100,0%	225,64	100,0%	253,89	100,0%

Fonte:https://idg.receita.fazenda.gov.br/dados/receitadata/gastos-tributarios/demonstrativos-dos-gastos-tributarios/arquivos-e-imagens/dgt-bases-efetivas-2012-serie-2010-a-2014-final.pdf, acessado em 24/07/2015

CIEAM 8

Desembolsos Totais do BNDES por Unidade Federativa, 2009-14
R$ bilhões acumulados de todos os anos do período

	RO	AC	AM	RR	PA	AP	TO	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	MG	ES	RJ	SP	PR	SC	RS	MS	MT	GO	DF
2014	1,65	0,35	0,74	0,14	9,36	0,57	1,22	4,53	1,66	3,18	1,17	1,16	5,85	0,56	0,41	5,86	15,2	3,04	26,1	45,1	15,3	8,67	13,4	4,26	6,42	5,45	5,51
2013	2,28	0,31	1,13	0,09	7,74	1,08	1,12	3,92	0,87	2,48	2,65	0,98	3,64	0,95	0,71	9,26	17,3	3,77	20,2	45,8	15,9	11,7	15,5	4,48	6,8	5,09	4,52
2012	2,61	0,98	1,01	0,07	6,82	0,51	1,33	3,77	0,78	3,01	2,81	0,59	3,21	0,52	0,62	5,73	12,7	3,08	20,8	35,9	10,7	8,43	9,93	4,43	3,48	3,15	9,04
2011	4,46	0,21	0,88	0,12	3,78	0,16	1,25	2,7	0,38	2,49	1,47	0,73	4,6	0,86	0,56	4,96	13,2	2,88	15,9	36,8	10,6	8,59	10,5	2,52	3,11	4,39	1,33
2010	5,43	0,46	2,28	0,11	2,12	0,05	1,3	1,33	0,7	3,59	0,81	0,48	4,24	0,59	0,67	4,8	13,4	2,69	35,9	46	11,2	8,71	10,2	1,96	3,21	4,34	1,87
2009	4,77	0,42	1	0,12	2,42	0,17	2,31	1,6	0,82	1,97	0,35	0,37	13	0,26	0,31	3,37	8,82	1,93	25,1	35,8	7,4	5,69	7,59	2,39	2,09	5,13	1,12
2009-2014	21,2	2,74	7,03	0,66	32,2	2,54	8,53	17,9	5,21	16,7	9,46	4,31	34,6	3,74	3,29	34	80,5	17,4	144	245	71	52,8	67,1	20	25,1	27,5	23,4

FONTE: BNDES

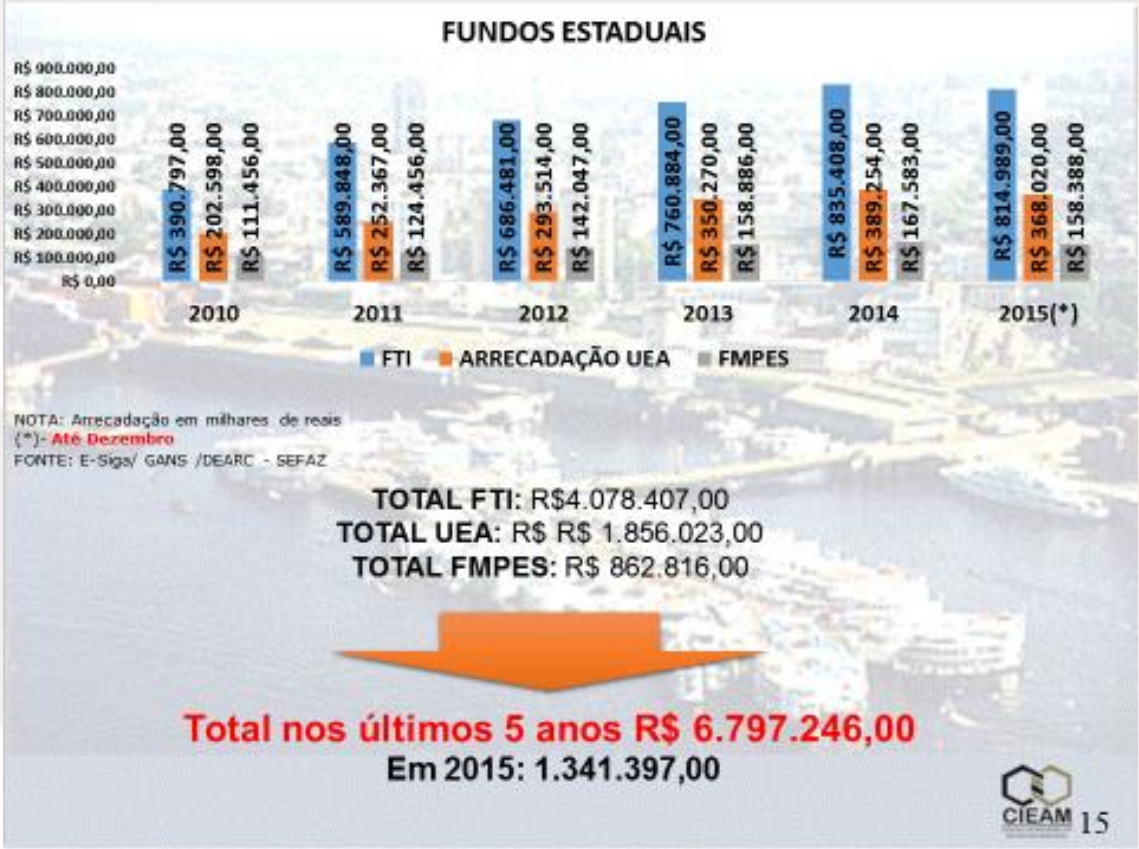
CIEAM 9

TOTAL GERAL DA ARRECADAÇÃO DE ISS	2010	2011	2012	2013	2014
	358.655.145	403.912.829	464.150.063	513.321.957	575.511.833

Além dos impostos temos taxas
As industrias da Zona Franca de Manaus recolhem, **além dos impostos** – Federal, Estadual e Municipal – **taxas para a União e para o Estado do Amazonas**.
Taxas não entram no orçamento do Poder Público e tem finalidade específica.
CIEAM
12

TAXA DE SERVICOS ADMINISTRATIVOS TSA
RECEITA REALIZADA (R$)
600.000.000,00
500.000.000,00
400.000.000,00
300.000.000,00
200.000.000,00
100.000.000,00
0,00
384.923.123,06
444.529.034,97
468.232.344,03
484.924.646,35
424.122.402,03
286.864.994,04
2010
2011
2012
2013
2014
2015(*)
FONTE: PORTAL DA TRANSPARÊNCIA
(*)- Até 31 de Dezembro de 2015
CIEAM
13

Recolhimento de P&D- Federal (*)
R$ 70.000.000
R$ 60.000.000
R$ 50.000.000
R$ 40.000.000
R$ 30.000.000
R$ 20.000.000
R$ 10.000.000
R$ 0
R$ 16.303.391
R$ 11.923.587
R$ 6.788.498
R$ 25.549.483
R$ 12.550.014
R$ 5.370.022
R$ 29.848.040
R$ 8.958.268
R$ 3.649.770
R$ 45.585.489
R$ 10.399.512
R$ 1.215.782
R$ 60.135.975
R$ 2.252.359
R$ 878.866
2010
2011
2012
2013
2014
ARRECADADO
EMPENHADO
PAGO
(*) Recurso administrado pelo CAPDA – 0,5%
FONTE: MCTI
CIEAM
14


FUNDOS ESTADUAIS
R$ 900.000,00
R$ 800.000,00
R$ 700.000,00
R$ 600.000,00
R$ 500.000,00
R$ 400.000,00
R$ 300.000,00
R$ 200.000,00
R$ 100.000,00
R$ 0,00
R$ 390.797,00
R$ 202.598,00
R$ 111.456,00
R$ 589.848,00
R$ 252.367,00
R$ 124.456,00
R$ 686.481,00
R$ 293.514,00
R$ 142.047,00
R$ 760.884,00
R$ 350.270,00
R$ 158.886,00
R$ 835.408,00
R$ 389.254,00
R$ 167.583,00
R$ 814.989,00
R$ 368.020,00
R$ 158.388,00
2010
2011
2012
2013
2014
2015(*)
FTI
ARRECADAÇÃO UEA
FMPES
NOTA: Arrecadação em milhares de reais
(*)- Até Dezembro
FONTE: E-Siga/ GANS /DEARC - SEFAZ
TOTAL FTI: R$4.078.407,00
TOTAL UEA: R$ R$ 1.856.023,00
TOTAL FMPES: R$ 862.816,00
Total nos últimos 5 anos R$ 6.797.246,00
Em 2015: 1.341.397,00
CIEAM
15

UEA EM NÚMEROS
ARRECADAÇÃO POR ALUNO MATRICULADO x ARRECADAÇÃO POR ALUNO DIPLOMADO
EM MILHARES
R$ 200,00
R$ 180,00
R$ 160,00
R$ 140,00
R$ 120,00
R$ 100,00
R$ 80,00
R$ 60,00
R$ 40,00
R$ 20,00
R$ 0,00
R$ 9,76
R$ 114,20
R$ 11,25
R$ 152,12
R$ 13,42
R$ 90,01
R$ 15,32
R$ 181,11
R$ 15,53
R$ 112,73
R$ 20,40
R$ 90,20
2010
2011
2012
2013
2014
2015
ARRECADAÇÃO/ ALUNO MATRICULADO
ARRECADAÇÃO/ ALUNO DIPLOMADO
FONTE: Sistema Acadêmico Lyceum; Secretaria Acadêmica Geral; PROPLAN/UEA.-E-siga
FONTE: E-Siga/ GANS /DEARC - SEFAZ
CIEAM 17

Alternativas para o Estado do Amazonas
✓ O Estado **não pode** continuar sendo **réfém de Brasilia**;
✓ O Estado **não pode** continuar tão **dependente da Capital**;
✓ Precisamos **preservar nosso modelo de sustentação – PIM** – o máximo possível;
✓ Precisamos **desenvolver novas matrizes economicas fora dos muros de Manaus**, nos demais municipios de nosso Estado;
• Turismo, Minérios, Minerais, Pscicultura, Agricultura, Cosméticos, Fármacos, Nutraceuticos, entre outras possibilidades mas identificando **mecanismos de agregação de valor** .
✓ Sabemos das **questões "ambientais"**, no entanto não podemos aceitar: **Não dá. Não pode.** Temos é que buscar quem nos diga o como devemos, como podemos **desenvolver aquilo que "PRECISAMOS" seja feito**. O pesquisador da EMBRAPA, João K, comprova o aumento de produtividade com o trinomio:
lavoura X pecuária X floresta
CIEAM 18

O desequilíbrio é uma regra geral, objetiva.
"O ciclo, que é interminável, se desenvolve do desequilíbrio para o equilíbrio e daí novamente para o desequilíbrio. Cada ciclo, contudo, conduz a um nível mais alto de desenvolvimento. O desequilíbrio é normal e absoluto, em quanto o equilíbrio é temporário e relativo".
Mao Zedong – Ordem Mundial de Henry Kissinger
Desafios existem para serem superados; nosso País já passou por vários desafios; nosso Estado já superou tantos outros e esse é mais um desafio que, TENHO CERTEZA, também será superado.
Wilson Perico – Um brasileiro que ainda acredita neste País.
CIEAM

CIEAM
Muito Obrigado!
Palestrante: Wilson Périco
E-mail: presidencia@cieam.com.br
Portal: www.cieam.com.br
Tel.: (+55 92)3627-3800
FAX: (+55 92)3627-3814
Rua Acre, 26 – 4º andar – Vieiralves – CEP 69053
130 Manaus/Amazonas/Brasil

3.3. Apresentação da Profª DSc. Therezinha Fraxe – Universidade Federal do Amazonas – UFAM

A painelista fez inicialmente um breve relato sobre a formação social amazônica, e da identidade cultural dos povos da floresta, destacando que a ocupação de terras e seus diferentes usos pelos povos tradicionais na Amazônia abrangem diversas categorias de populações: índios, seringueiros, castanheiros, quilombolas, quebradeiras de coco, caboclos-ribeirinhos, beiradeiros, entre outras.

Therezinha Fraxe disse ainda que a sustentabilidade na Amazônia deve ser compreendida a partir de duas faces ambientais complementares: a conservação da biosociodiversidade e a manutenção das populações tradicionais.

Em seguida, a painelista discorreu sobre as formas de organização sociocultural das comunidades no interior da Amazônia, no que se refere à divisão social do trabalho familiar, em que as mulheres estão inseridas nas atividades produtivas, tais como a pesca e a agricultura.

Por fim, a professora e coordenadora do Núcleo de Socioeconomia da UFAM, apresentou o projeto Feira Livre da Agricultura Familiar - Agroufam, cujo objetivo é ser um espaço de integração de saberes, difusão da agroecologia, inclusão socioeconômica, e de comercialização e valorização de produtos regionais provenientes da agricultura familiar.

Iniciado em 2014, o projeto consiste na exposição e venda, na área do mini campus da UFAM, da produção de agricultores e agricultoras familiares, associações cooperativas, artesãs independentes, povos e populações tradicionais, organizações não-governamentais e discentes

A feira conta atualmente com aproximadamente 100 produtores por edição, vindos de 11 municípios, que oferecem mais de 10 ramos de produtos, com faturamento médio de R$ 41 mil por edição, incluindo produtos da agricultura e artesanato.

Entre os produtos comercializados destacam-se: produtos agrícolas (36%), artesanato (35%), produtos extrativistas (9%), plantas ornamentais e medicinais (6%), alimentação (7%), biscoitos (2%), queijos (2%), polpas de frutas (1%), produtos medicinais (1%), café (1%).

Para a professora, a Agroufam é uma iniciativa bastante positiva que pode servir de referência para outras instituições em todo o Estado.

Introdução

A formação social amazônica foi fundamentada historicamente em tipos variados de escravismo e servidão. Portanto, falar dos povos da floresta requer um (re) conhecimento da grande diversidade ambiental e social da região.

Trata-se de recorrer a uma antiga (porém atual) indagação: o que é *ser* da Amazônia ou, noutras palavras, quais são as consequências do processo de formação da (suposta) identidade no contexto amazônico?

Introdução (cont.)

Os povos da floresta não vivem isolados no tempo e no espaço, estabelecem relações contínuas de trocas materiais e simbólicas entre si.

Portanto, a iniciativa de dar visibilidade aos povos da floresta pressupõe considerá-los inseridos em um contexto de mudanças históricas, sujeitos às transformações socioculturais que permeiam o sistema socioeconômico e político-cultural da civilização contemporânea.

POVOS DA FLORESTA

A ocupação de terras e seus diferentes usos pelos povos tradicionais na Amazônia abrangem muitas categorias de populações: índios, seringueiros, castanheiros, quilombolas, quebradeiras de coco, caboclos-ribeirinhos, beiradeiros, entre outras.

4

Populações Amazônicas

A Amazônia abrange uma relevante área de floresta tropical, acolhe uma economia sócio-ambiental importante, embora, insuficientemente valorizada pela sociedade brasileira.

Essa economia é praticada por populações culturalmente diversificadas, motivo pelo qual, a sustentabilidade na Amazônia deve ser enfatizada mediante duas faces ambientais complementares:

- a conservação da biosociodiversidade e;
- manutenção das populações tradicionais.

5

Populações Amazônicas
Congregava seringueiros, castanheiros, populações indígenas, caboclos-ribeirinhos da Amazônia e outros.
Quando se fala na importância das populações amazônicas na conservação da natureza, está implícito o papel preponderante da cultura e das relações homem/natureza (Diegues, 2001).
6

As Identidades Culturais Caboclas Amazônicas
• As identidades regionais e suas múltiplas interpretações;
• Ambigüidades suscitadas pelo termo identidade;
• Personagens e formas de representações sociais;
• Processo de identificação dos povos amazônicos;
CIRIO 2002
7

Populações Amazônicas
Congregava seringueiros, castanheiros, populações indígenas, caboclos-ribeirinhos da Amazônia e outros.
Quando se fala na importância das populações amazônicas na conservação da natureza, está implícito o papel preponderante da cultura e das relações homem/natureza (Diegues, 2001).
6

As Identidades Culturais Caboclas Amazônicas
• As identidades regionais e suas múltiplas interpretações;
• Ambigüidades suscitadas pelo termo identidade;
• Personagens e formas de representações sociais;
• Processo de identificação dos povos amazônicos;
CIRIO 2002

Caboclo-Ribeirinho

A cultura do caboclo-ribeirinho estabelece profundas relações com a natureza, consolidando e fecundando o rico imaginário desses grupos sociais.

O homem da Amazônia é fruto da confluência de sujeitos sociais distintos – ameríndios da várzea e/ou terra firme, negros, nordestinos e europeus – que inauguram novas e singulares formas de organização social nos trópicos amazônicos.

8

Mitos, Lendas e Tradições dos Caboclos Ribeirinhos

O caboclo busca desvendar os segredos do seu mundo, recorrendo aos mitos, lendas, plantas medicinais, rezadeiras, tanto no trabalho como no lazer.

"...no lagos dos Reis vimos uma cobra boiada, da espessura de um tambor de 200 litros, uns 50 metros."

Lenda da Cobra Grande e do Boto

9

Organização sociocultural das comunidades
RELIGIÃO: As instituições religiosas exercem grande influência na vida social e ideológica comunitária
EDUCAÇÃO: As escolas das comunidades variam entre ensino fundamental e médio
ASSOCIAÇÃO: Há dois tipos de associações nas comunidades, associação de produtores e comunitária
COMUNIDADE
SAÚDE: Não é comum encontrar postos de saúde nas comunidades, as doenças são tratadas com remédios caseiros
11

Organização sociocultural das comunidades
Tipos de família nas comunidades do projeto PIATAM
% família
90,0
80,0
70,0
60,0
50,0
40,0
30,0
20,0
10,0
0,0
BJ
EII
LS
MAT
NSG
NSN
SAN
SLBA
SLBU
Comunidades
Nuclear
Extensa
As famílias ribeirinhas estabelecem as práticas de ajuda mútua do tipo parceria ou mutirão, caso se trate de grupos aparentados (família extensa) ou até mesmo contratam trabalhos temporários, no caso de famílias nucleares.
12

Aspectos Sociais da Família

Divisão Social do Trabalho Familiar

Pai

- Chefe da família;
- Funções – sustentar a família;
- Processos de produção;
- Comercialização.

Mãe

- Donas de casa;
- Formação dos filhos;
- Manutenção da casa;
- Criam animais domésticos;
- Ajuda nas atividades agrícolas.

Filhos (as)

- Afazeres domésticos;
- Cuidam dos irmãos;
-Acompanha nas roças;
- Acompanha na Pesca.

13

Mulheres e a sustentabilidade

As mulheres costumam participar de todas as atividades, sejam elas domesticas ou para ajudar seus maridos nas atividades produtivas, tais como: a pesca e a agricultura.

FEIRA LIVRE DA AGRICULTURA FAMILIAR

Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe
Coordenadora do Núcleo de Socioeconomia

15

OBJETIVO

Ser um espaço de integração de saberes, difusão da agroecologia, inclusão socioeconômica, e de comercialização e valorização de produtos regionais provenientes da agricultura familiar.

16

Dados da AGROUFAM

- Primeira edição: janeiro de 2014 → 46 feirantes
- 50 barracas
- 17 mesas de exposição
- Agricultores e agricultoras familiares, associações, cooperativas, artesãs independentes, povos e populações tradicionais, organizações não-governamentais e discentes
- Associação → APROARTES

17

Dados da AGROUFAM

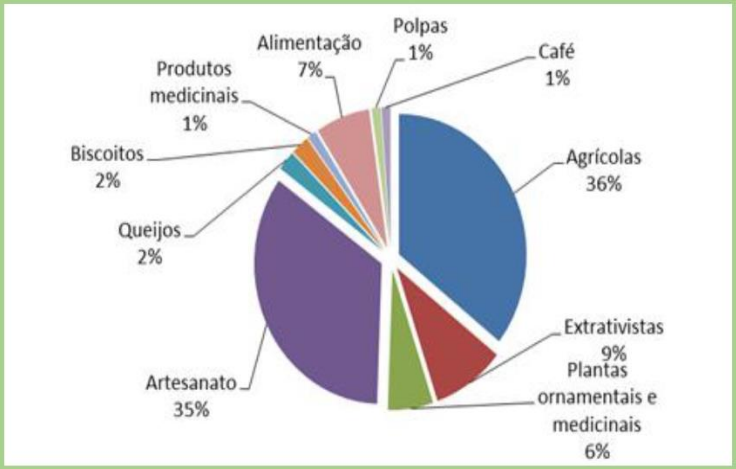
- Média de 100 produtores por edição, vindos de 11 municípios
- Produtos de 10 ramos ofertados
- Faturamento médio de R$ 33.500,00 (agricultura) e R$ 7.400,00 (artesanato) no primeiro quadrimestre
- 20ª edição da feira (novembro)
- 45% dos produtores empregam técnicas agroecológicas

↓

DESAFIOS DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

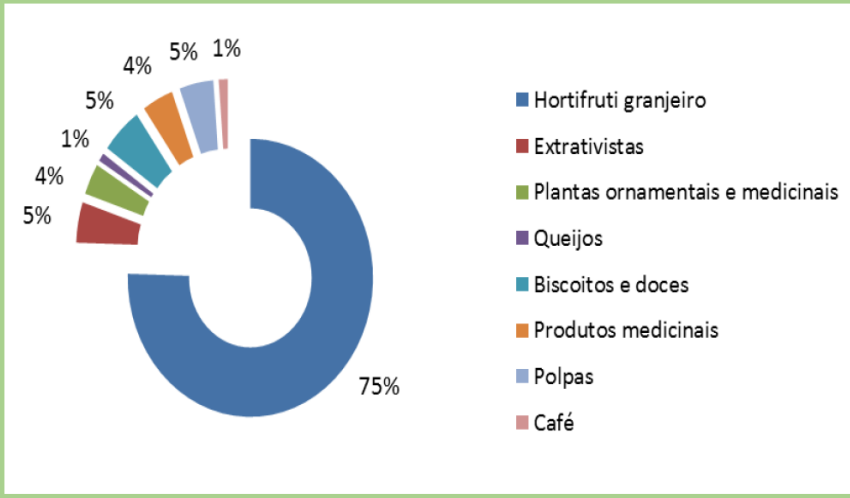
18

DIVERSIDADE DE RAMOS PRODUTIVOS



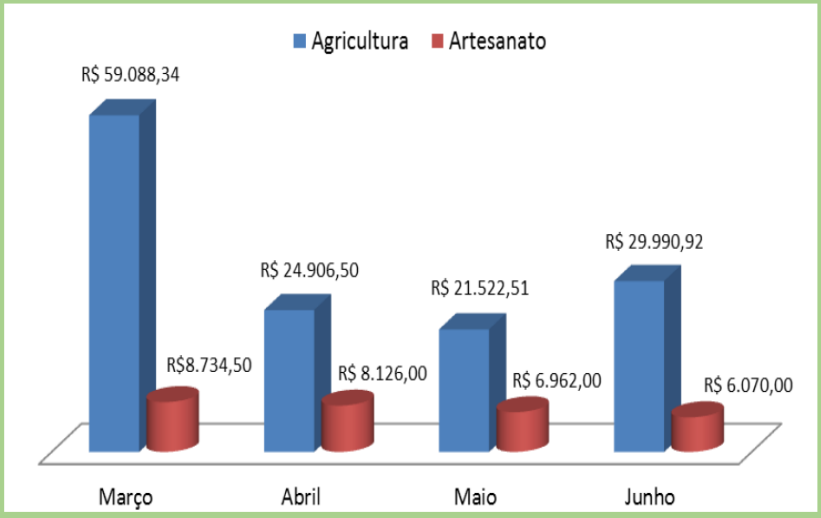
20

MÉDIA DE VENDAS POR CATEGORIA



21

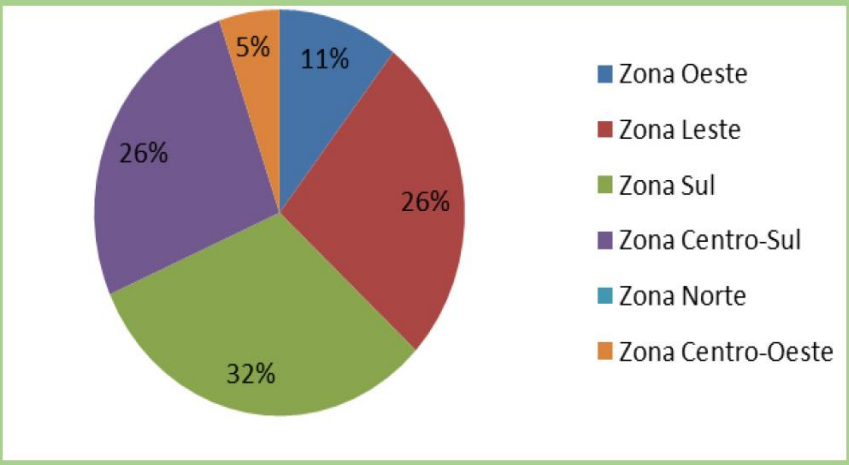
FATURAMENTO MÉDIO POR SETOR POR EDIÇÃO



I Encontro Amazonense de Professores de Línguas e Literaturas – ENPROLL

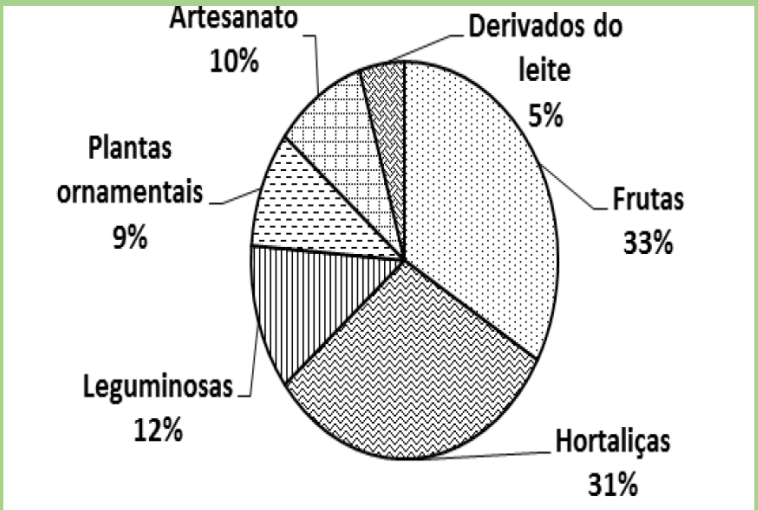
22

ORIGEM DOS CONSUMIDORES VISITANTES - MANAUS



23

PREFERÊNCIAS DE CONSUMO



24

CHITAS NATIVAS: UMA ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL

Agregar valor aos trabalhos dos povos da floresta.

Grupo de mulheres artesãs das comunidades: Careiro da Varzea, Caapiranga, Manaus, Iranduba, Manacapuru, Anamã, Anori e Autazes.

25

REALIZAÇÃO
NUSEC-UFAM
Núcleo de Socioeconomia
UFAM
APOIO
sepror
FAPEAM
PCTIS
PARQUE CIENTÍFICO
E TECNOLÓGICO PARA
INCLUSÃO SOCIAL
26

Obrigada!!!

4. Zona Franca de Manaus – 2016 a 2036: das perspectivas à concretude das ações [1]

Autores: Jessé Rodrigues dos Santos, Rosângela López Alanís e Ênio Neves de Souza

A partir das proposições e discussões debatidas no Painel de Debates "Zona Franca de Manaus – 2016 a 2036: das perspectivas à concretude das ações", realizado pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), foi elaborada a Nota Técnica n.º 10/2016, da Coordenação de Estudos Econômicos e Empresariais (COGEC) – na qual está embasada o artigo a seguir – o qual traz algumas considerações relevantes acerca dos temas discutidos, especialmente em relação ao Polo Industrial de Manaus e ao Distrito Agropecuário.

4.1 Apresentação

A elaboração do Plano Diretor Industrial do Polo Industrial de Manaus pela Suframa para os próximos vinte anos tem exigido não apenas a reflexão técnica e política interna da Autarquia, mas passa, doravante, a envolver o seu entorno institucional. Nesse sentido, a Suframa convidou representantes das classes empresariais, da sociedade civil e do setor de ciência e tecnologia para debaterem sobre os desafios e oportunidades para a evolução do modelo de desenvolvimento da Zona Franca de Manaus (ZFM). O propósito foi reunir os diferentes pontos de vista sobre os aspectos cruciais da situação vigente, bem como colher sugestões e recomendações desses agentes.

O painel de debates organizado pela Coordenação-Geral de Estudos Econômicos e Empresariais (COGEC), na manhã de 23 de fevereiro de 2016, foi o palco da primeira rodada de troca de ideias e informações. Em geral, os discursos dos participantes convergiram em relação à necessidade de reestruturar o sistema econômico. Isso exige a remoção dos entraves logísticos e administrativos, assim como a criação de um ambiente institucional favorável aos investimentos em termos de segurança jurídica e simplificação de procedimentos. Desse modo, fazem-se necessárias iniciativas que fogem ao escopo da Suframa, mas que impõem a necessidade da sua atuação efetiva, embora, atualmente, a Autarquia se apresente fragilizada em termos de autonomia financeira e administrativa.

A estrutura produtiva administrada pela Suframa congrega o Polo Industrial de Manaus (PIM), o Distrito Agropecuário da Suframa (DAS), as seis Áreas de Livre Comércio (ALC)[2] e a Amazônia Ocidental (AMOC)[3], havendo distinções quanto às funções e às regulamentações para cada um desses entes. Por outro lado, compartilham diferentes tipos de problemas, desafios e oportunidades, de modo que a construção de um Plano Diretor exige inovações institucionais consideráveis. Assim, a questão fundamental é:

---

[1] COM ADAPTAÇÕES – Nota Técnica n.º 10/2016 – COGEC.

[2] ALC Macapá-Santana (AP), ALC Tabatinga (AM), ALC Boa Vista e Bonfim (RR), ALC Brasileia-Epitaciolândia, ALC Cruzeiro do Sul (AC) e ALC Guajará-Mirim (RO).

[3] A Suframa administra, também, os incentivos regulados pelos Decretos-Lei nº 356/68 e 1.435/75.

dada a complexidade do modelo, em que nível as perspectivas e análises compartilhadas no painel podem vir a ser concretizadas em ações práticas, haja vista os limites de ação da Autarquia e a escassez de recursos disponíveis frente à dimensão e à resistência dos obstáculos à evolução do modelo de desenvolvimento.

A critério meramente didático, os aspectos levantados no painel foram agrupados em duas dimensões: a institucional e a operacional. Contudo, é notória a interconexão tanto em termos causais quanto no que diz respeito às estratégias de enfrentamento dos problemas levantados. Desse modo, o conhecimento dos detalhes específicos da situação-problema é apenas o passo inicial na direção da construção de soluções efetivas.

4.1.1 – Os desafios para o modelo em perspectiva institucional

O ambiente institucional tem uma função elementar no sistema econômico: reduzir as incertezas. Isso ocorre por meio de um sistema de regras de conduta que regula as ações dos agentes, induzindo ou coagindo determinadas ações e atitudes. Assim, obtém-se um grau satisfatório de segurança jurídica e de confiança quanto aos resultados das iniciativas e investimentos. Em teoria, essa estrutura institucional é crucial para sustentar o desenvolvimento econômico, de modo que a sua fragilização é fator causal de insucessos na indução dos investimentos econômicos.

Nesse âmbito, apontaram-se diversos aspectos que vão desde a capacidade institucional da Suframa até à vulnerabilidade dos marcos regulatórios da atividade econômica. Esses aspectos, na visão dos debatedores, comprometem a atuação da Suframa como protagonista do desenvolvimento regional, reduzindo a sua autonomia para regular os processos produtivos e investir em soluções para as demandas locais. Por sua vez, a centralização das decisões sobre os Processos Produtivos Básicos (PPB) e sobre os usos dos recursos arrecadados pela Autarquia em outros níveis de governo eleva a imprevisibilidade no meio empresarial quanto aos retornos dos projetos incentivados.

Em relação aos usos dos recursos arrecadados com a Taxa de Serviços Administrativos (TSA)[4], há diversas disputas jurídicas iniciadas por empresas que alegam a não aplicação desses recursos em infraestrutura, incentivos à produção, capacitação e pesquisa e desenvolvimento. E, além disso, aduzem a inconstitucionalidade da Lei nº 9.960/2000, decorrente de atecnia legislativa que permitiu o uso da mesma base de cálculo do Imposto de Importação. Ainda, reclamam que diversas isenções tributárias foram dadas por meio de Portarias, configurando ilegalidade. Diante disso, via de regra, o Judiciário tem dado ganho de causa aos particulares litigantes, o que tem resultado em perda de arrecadação por parte da Autarquia.

Essa involução institucional evidencia-se na perda de prestígio da Autarquia como agente de políticas públicas do Governo Federal, bem como no

[4] A TSA, instituída pela Lei nº 9.960/2000, é arrecada pela Suframa pela prestação dos seus serviços ao público e às empresas.

contingenciamento dos seus recursos arrecadados. Com isso, a Suframa tem sofrido restrições no seu poder decisório sobre a regulação dos processos produtivos incentivados, postergando a realização de melhorias na estrutura física do PIM e reduzindo suas iniciativas para atrair investimentos inovadores. Essa condição gera insegurança jurídica para os principais agentes econômicos do PIM, levando a críticas quanto ao processo de tramitação e aprovação dos PPB. Além disso, abre espaço para se questionar a real eficácia da Autarquia como elemento regulador da atividade econômica e fator de atração de novos investimentos.

A seguir, são elencadas as principais soluções indicadas pelos debatedores para a reconstrução e o fortalecimento da Suframa com base em um planejamento estratégico que defina ações e diretrizes de médio e longo prazo:

a) fortalecer a Suframa como autarquia gestora do sistema de desenvolvimento regional, qualificando seu quadro técnico, reestruturando seus processos de trabalho e destinando os recursos arrecadados pela Autarquia por meio da TSA os recursos arrecadados para financiar a sua atuação em prol do desenvolvimento regional;
b) ampliar a divulgação[5] do modelo ZFM em âmbito nacional e internacional, pois se tem constatado que nos Estados fornecedores de insumos, bens intermediários e mercadorias, há grande desconhecimento sobre as vantagens de operar com empresas incentivadas sediadas na ZFM;
c) flexibilizar os PPBs, conforme as especificidades de cada subsetor de atividade, simplificando o processo de aprovação e elevando o grau de poder decisório da Suframa e do seu órgão deliberativo, o Conselho Administrativo da Suframa (CAS);
d) inserir a ZFM na lógica das cadeias produtivas nacionais, articulando-a com os programas de desenvolvimento nacional e integrando-a à dinâmica econômica do sistema produtivo do país;
e) promover a articulação interinstitucional entre os entes governamentais para simplificar processos de aprovação de projetos, concessão de incentivos e acompanhamento dos empreendimentos;
f) consolidar, atualizar e monitorar a legislação que intervém no funcionamento da ZFM e/ou que pode vir a ameaçar os incentivos ou criar políticas de incentivos concorrentes com aqueles geridos pela Suframa; e
g) estruturar um ambiente de negócios favorável à atração e retenção de investimentos em linhas de produtos inovadores ou similares aos já

[5] Especialmente no que se refere aos incentivos fiscais e atrativos para novos investimentos. Talvez com a retomada de experiências bem-sucedidas já colocados em prática pela SUFRAMA nos anos 90 e 2000, com palestras e produção de material didático sobre os benefícios fiscais da ZFM realizadas em parceria com entidades de classe, como Federação das Indústrias, associações comerciais, entre outras, direcionadas a contadores e administradores de empresas em outras regiões do País, além de um trabalho específico junto às Câmaras de Comércio Exterior, com a finalidade de atrair novos investidores estrangeiros.

existentes no PIM, visando à ampliação da quantidade de empresas e à diversificação da produção no Polo.

Os enunciados acima resumem o que foi proposto pelos participantes do Painel de Debates para reverter a fragilização da Suframa e estruturar o ambiente institucional como estratégia para assegurar a sustentabilidade institucional do sistema produtivo. Fica evidente que algumas proposições escapam ao escopo de atuação da Suframa e exigem articulações entre instituições das diferentes esferas de governo e poderes. Portanto, é provável que o passo a seguir seja promover discussões específicas sobre cada grupo de indicações, construindo-se assim os acordos e encaminhando as decisões para o campo da ação governamental coordenada.

Vale ressaltar o consenso entre os painelistas que, apesar de ser um modelo de desenvolvimento regional baseado em renúncia fiscal, a ZFM gera uma considerável arrecadação tributária. Costa e Pontes (2015)[6] informam que, em 2013, o PIM contribuiu com R$ 21,5 bilhões para a receita tributária, incluindo a União e o Estado, sem incluir os encargos sociais e previdenciários. O representante do Centro das Indústrias do Estado do Amazonas (CIEAM) reforça essa assertiva, indicando que, na atualidade, o Amazonas é um Estado superavitário, pois recebe cerca de R$ 4,0 bilhões de repasses federais enquanto arrecada cerca de R$ 13,0 bilhões em tributos federais. Esses números mostram a dimensão da contribuição econômica do Amazonas para a Federação, que não se restringe apenas à receita tributária, mas, no dizer de Costa e Pontes (2015), estende-se aos ganhos decorrentes das transações com empresas de outras regiões brasileiras.

Daí a relevância do modelo ZFM para cumprir os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil estabelecidos no Art. 3º, III, da Constituição Federal de 1988, no tocante à redução das desigualdades sociais e regionais.

4.2 Os entraves operacionais enfrentados pela Suframa

Aqui se discute a categoria de problemas que comprometem a qualidade das operações empresariais de produção e movimentação de mercadorias, assim como ameaçam, de modo geral, a sustentabilidade econômica do modelo ZFM. A fim de facilitar a compreensão, optou-se por separar a análise dos aspectos inerentes ao PIM daqueles relativos ao Distrito Agropecuário da Suframa (DAS), haja vista a natureza diversa das atividades produtivas, assim como os elementos normativos relacionados a cada área de atuação da Suframa. Essa abordagem segmentada facilita a análise e compreensão.

[6] COSTA, J. A. M. da; PONTES, R. O. de. Zona Franca de Manaus (ZFM): circunstâncias históricas, cenário contemporâneo e agenda de aperfeiçoamento. In: **Pan-Amazônia**: visão histórica, perspectivas de integração e crescimentos. Osíris M. Araújo da Silva e Alfredo Kingo Oyama Homma (Orgs.) FIEAM, Manaus: 2015.

Entre as dificuldades para o desenvolvimento e sustentabilidade da atividade industrial no PIM, foram mencionados, no Painel de Debates, os aspectos relacionados às particularidades dos produtos e processos produtivos e os inerentes à infraestrutura e logística. Combinados, tais aspectos constituem causas sistêmicas da vulnerabilidade do sistema produtivo incentivado pela Suframa, sem que a Autarquia disponha dos meios legais e econômicos para desenvolver soluções.

4.2.1 Aspectos relacionados ao PIM

Em relação aos produtos e processos produtivos, destacou-se a concentração da atividade econômica em poucas linhas de produção, especialmente motocicletas, condicionadores de ar, eletroeletrônicos e bens de informática. Esse fato indica a necessidade de diversificação, tanto pela atração de investimentos em produtos ainda não fabricados no PIM quanto pelo desenvolvimento de inovações tecnológicas nas áreas de biotecnologia e nanotecnologia. Tal possibilidade está correlacionada com as mudanças no ambiente institucional, indo desde a regulação dos processos produtivos até a criação de um sistema de ciência e tecnologia com foco no desenvolvimento de produtos com base na biodiversidade amazônica.

Quanto à infraestrutura do PIM e ao sistema de logística, destacaram-se a deterioração do sistema viário do PIM, o processo de distribuição de lotes e regularização fundiária dos Distrito Industrial e a diversidade de entraves logísticos.

a) Sobre a "questão fundiária" no Distrito Industrial (DI), apontaram-se problemas na concessão de lotes para a implantação das plantas industriais. Em geral, critica-se a falta de clareza e transparência nos critérios de concessão dos lotes, ao que se atribui a ocorrência de usos indevidos das terras do DI, inclusive induzindo a especulação imobiliária. Por outro lado, apontou-se a ausência de infraestrutura básica para viabilizar a ocupação de novas áreas, haja vista que as mais acessíveis (onde há infraestrutura viária) foram ocupadas por posseiros ou já possuem empreendimentos instalados. Esse é um debate que também se trava no âmbito interno da Suframa, que se encontra em fase de revisão dos critérios e procedimentos para regular essa rotina de trabalho.

b) Em relação aos entraves logísticos, a lista de problemas é extensa, incluindo: i) a carência de estruturas portuárias e aeroportuárias e de armazenagem primária; ii) a precariedade dos sistemas de comunicação; iii) a irregularidade no fornecimento de energia elétrica; e iv) a deficiência de terminais multimodais de integração rodoviária e hidroviária. Nota-se que a amplitude e a complexidade desses problemas extrapolam o campo de atuação da Suframa. Não obstante, a Autarquia tem participado dos debates interinstitucionais e reunido estudos técnicos que avaliam os projetos em elaboração, contribuindo para produzir informações e apoiar as iniciativas que, porventura, venham a convergir com suas linhas de ação institucional.

c) Além dos dois conjuntos de fatores mais significativos expostos nas letras "a" e "b" deste subtópico, outros foram debatidos de modo residual, sem prejuízo da sua

importância. Basicamente, trata-se da necessidade de prover os meios de aplicação da Política de Resíduos Sólidos aos produtos fabricados no PIM. Além disso, ocorre a escassez de força de trabalho qualificada, o que exige a criação de programas de qualificação de força de trabalho de acordo com as demandas das empresas instaladas no PIM. O primeiro pode vir a ser inserido no planejamento estratégico da Suframa, enquanto o segundo exige da Autarquia investimentos em cooperação técnica com as instituições de ensino técnico e universitário.

Para as vias do Distrito Industrial, foi sugerido o estabelecimento de tratativas com o Comando Militar da Amazônia (CMA) e o 2º Grupamento de Engenharia (2º GEC), do Exército Brasileiro, ambos situados em Manaus, com vistas à elaboração de Plano de Trabalho que permita o estabelecimento de Convênio para a Recuperação Estrutural dos Pavimentos das Vias do Distrito Industrial. Como vantagens deste Convênio, pode-se citar o fato de que o Exército possui várias experiências bem-sucedidas na execução desse tipo de atividade, tendo sido, por diversas vezes, elogiado no tocante à aplicação de recursos públicos, além de possuir elevada qualidade técnica em seu Corpo de Engenheiros.

4.2.2 Aspectos relacionados ao Distrito Agropecuário da Suframa

Assim como no caso do PIM, os problemas inerentes ao DAS distribuem-se entre aqueles que impactam diretamente os processos produtivos e os que os afetam indiretamente ao influenciar a capacidade de investimentos e o fluxo de mercadorias.

Os problemas que afetam diretamente os processos produtivos são a dificuldade para obtenção de crédito rural pelos pequenos produtores e ausência de serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER). A dificuldade de acesso ao crédito inviabiliza o financiamento de inovações técnicas na rotina de trabalho dos produtores familiares, reduzindo a sua capacidade produtiva, bem como suas possibilidades de diversificar seu portfólio de atividades. Por sua vez, a privação dos serviços de ATER impede que as inovações tecnológicas criadas no âmbito da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e do Instituto de Pesquisas da Amazônia (INPA) sejam incorporadas nos processos produtivos.

Conforme Santos (2010)[7], a disponibilidade de crédito e o acesso à ATER são fatores diretamente relacionados à mudança técnica nos sistemas produtivos familiares rurais. Portanto, a criação de estratégias que tenham como fim a regularização fundiária, ainda que parcial e provisória, é crucial para garantir o acesso aos programas de financiamento. Do mesmo modo, é essencial que essas medidas se coadunem com a disponibilização de um serviço de ATER de qualidade e específico para os produtores localizados no DAS. Uma solução conjunta para esses dois problemas poderia ser objeto de convênios com cooperativas de serviços técnicos que atuassem tanto nos levantamentos e cadastros essenciais para a regularização fundiária quanto na oferta de ATER.

[7] SANTOS, J. R. dos. Aspectos evolucionários das unidades de produção camponesas do Território Manaus e Entorno. 2010. 431 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Socioambiental). NAEA/UFPA, Belém.

Os fatores de influência indireta agrupam-se em torno das dificuldades logísticas para o fluxo de produtos e pessoas, bem como relacionam-se aos impasses e entraves para efetivar o licenciamento ambiental do DAS. Nesse sentido, as propostas sugeridas consistem em procedimentos técnicos que resultariam, se não em soluções efetivas, mas em iniciativas que marcariam atitude mais ativa da Suframa na gestão do DAS. A seguir, são apresentadas algumas propostas técnicas e/ou políticas de desenvolvimento sugeridas para aprimoramento da administração do DAS.

4.2.2.1 Monitoramento da área do DAS por sensoriamento remoto

A importância do Sensoriamento Remoto como ferramenta para o estudo das modificações originadas a partir da atividade humana é melhorar o manejo dos recursos naturais, o uso da terra (produtividade) e a proteção ao ambiente. Para a Suframa conseguir realizar um efetivo controle sobre as áreas do DAS (589.334 hectares, correspondente a mais de 2,5 vezes a área urbanizada da Grande São Paulo), é fundamental o emprego de modernas ferramentas que permitam o monitoramento dessas áreas de modo consistente e eficiente, possibilitando: i) a elaboração de MDT (Modelo Digital de Terreno) e MDS (Modelo Digital de Superfície) da área do DAS, por meio da coleta de imagens RGB (luz visível) e Radar ou Laser; ii) o monitoramento do uso do solo, como forma de evitar a presença de invasores, diminuir os desmatamentos não autorizados, reduzir as queimadas, coibir a instalação de carvoarias, impedir a lavra não autorizada do subsolo, além de outras atividades indesejadas/irregulares, por meio da obtenção de imagens RGB (espectro visível); e iii) o acompanhamento dos Projetos Agropecuários desenvolvidos no DAS, por meio de imagens combinadas RGB e NVDI (*Normalized Difference Vegetation Index*) ou RGB e FLIR (*Forward Looking Infrared*).

Quadro 1 - Qual a melhor técnica de obtenção dos dados para monitoramento: aquisição de imagens de Satélites ou aerofotogrametria por VANTs[8]?

Satélites representam um meio extremamente fácil para a obtenção de imagens aéreas...	**VANTs** denotam elevado grau de independência e autonomia para coleta de dados...
Vantagens: • Confiabilidade; • Nenhum risco operacional; e • Curva de aprendizagem acelerada (terceirização da atividade de coleta). Desvantagens:	Vantagens: • Confiabilidade; • Alta resolução temporal (maior conveniência para coletas de dados); • Alta resolução espacial; • Custos relativamente menores; • Menor interferência das condições atmosféricas.

[8] Veículos aéreos não tripulados. Veículo aéreo não tripulado (VANT) ou *drone* (zangão, em inglês) é todo e qualquer tipo de aeronave que não necessita de pilotos embarcados para ser guiada.

• Baixa resolução temporal (menor conveniência para coletas de dados); • Média resolução espacial; • Custos relativamente elevados; e • Maior interferência das condições atmosféricas.	Desvantagens: • Risco operacional potencialmente mais elevado (inerentes à aviação); e • Curva de aprendizagem mais demorada.

Fonte: Elaboração dos autores.

Quadro 2 - Análise SWOT para o caso dos VANTs como ferramenta para o Sensoriamento Remoto

Forças • Confiabilidade; • Alta resolução espacial; e • Custos relativamente menores.	Fraquezas • Curva de aprendizagem mais demorada.
Ameaças • Risco operacional potencialmente mais elevado (inerentes à aviação).	Oportunidades • Alta resolução temporal (maior conveniência para coletas de dados); e • Menor interferência das condições atmosféricas.

Fonte: Elaboração dos autores.

Conforme pode-se verificar nos quadros acima, os Veículos Aéreos Não Tripulados (VANTs) são, atualmente, a ferramenta mais adequada para o monitoramento contínuo de extensas áreas. Os VANTs já são realidade no setor de sensoriamento remoto em todo o mundo. Setores como o agronegócio, a engenharia civil, a cartografia, a topografia, a segurança pública e até mesmo os setores relacionados a respostas a desastres de grandes proporções enxergam, nesses equipamentos, oportunidades de executar levantamentos com maior agilidade, economia e autonomia de voo, em ambientes onde não é possível ir com aviões tripulados, seja por questões de ordem técnica ou de ordem econômica.

Os VANTs podem voar bem mais baixo que os aviões convencionais de aerofotogrametria, com navegação autônoma ou através de controle remoto, usando receptores geodésicos (GPS) para o posicionamento da aeronave e apoio em solo. A decolagem pode ser facilitada por meio de catapultas, enquanto o pouso pode ser simplificado pelo emprego de paraquedas em pistas curtas, locais não usuais para aviões comuns. Sugere-se, portanto, a adoção dos VANTs como ferramental necessário para o estabelecimento de um monitoramento efetivo dos Distritos da Suframa (por Sensoriamento Remoto).

4.2.2.2 Flexibilização da legislação que dispõe sobre o uso das áreas do Distrito Agropecuário da SUFRAMA (DAS)

Atualmente, a legislação ambiental prevê restrições excessivas quanto ao uso do solo das áreas do Distrito Agropecuário da Suframa. Um exemplo mais contundente do grau exagerado dessas restrições diz respeito à área que deverá ser preservada em cada lote. Ora, se se trata de um Distrito Agropecuário, como é possível que apenas 20% de cada lote possa ter destinação produtiva? Notadamente, verifica-se que nem do ponto de vista técnico, nem do ponto de vista econômico, pode, essa medida, ser considerada razoável. É preciso conscientizar a sociedade de que o Distrito Agropecuário da Suframa, como o próprio nome denota, é uma área concebida com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável e a inserção competitiva da Região nos mercados nacional e internacional. Da forma como estabelece a atual legislação, torna-se pouco provável que esse objetivo venha a ser atingido: as dificuldades logísticas da região, aliadas aos excessivos encargos impostos pela legislação ambiental ao produtor rural, ao contrário do que foi idealizado quando da criação daquele Distrito, acabam por impossibilitar o desenvolvimento do agronegócio, ao invés de incentivá-lo. O mais razoável seria a revisão do marco regulatório, que embora estranho as competências executivas da Autarquia, devem alinhar as situações fáticas ao desenvolvimento do DAS (adaptado).

Outro aspecto a ser observado é que essa legislação precisa ser atualizada para garantir o atendimento aos preceitos que lhe motivaram, ainda na década de 1960, em face das prementes alterações nas circunstâncias socioeconômicas e tecnológicas do Brasil e do Mundo. Destaca-se, por exemplo, o caso da Aviação Civil, na cidade de Manaus. Inaugurado em 1976, o Aeroporto Internacional de Manaus trouxe um grande impacto em relação à logística do PIM. Até então, todo o tráfego aéreo comercial de Manaus operava no Aeroporto de Ponta Pelada, coexistindo ainda o Aeródromo de Flores, onde funcionava o Aéreo Clube do Amazonas, com funções recreativas, além de destinar-se à formação e ao treinamento de pilotos da chamada Aviação Geral.

Ressalte-se, entretanto, que, com o passar dos anos e o aumento da demanda pelo modal aéreo, o quadro de interferência entre os três aeródromos foi-se agravando, chegando a causar estranheza o fato de, em Manaus, o Aeroclube operar bem no meio da área urbana do município, diga-se de passagem, uma área bastante privilegiada e que poderia servir perfeitamente para a instalação de um formidável parque industrial.

Segundo consta do Plano Aeroviário do Estado do Amazonas (PAEAM), elaborado em 2011 pela Secretaria de Estado de Infraestrutura (SEINFRA) e aprovado pela Secretaria de Aviação Civil (SAC-PR), a situação ideal seria a desativação do Aeródromo de Flores, devido à sua interferência tanto com o Aeroporto Internacional de Manaus (localizado ao norte da cidade), quanto com o Aeroporto de Ponta (localizado ao sul da cidade), sendo necessária, para isso, a escolha de novo sítio aeroportuário para a construção de um novo aeródromo voltado para o atendimento à Aviação Geral, com o devido cumprimento às atuais exigências de segurança da Aviação Civil. Cumpre mencionar que, atualmente, o Aeródromo de Flores deixa de cumprir alguns requisitos de infraestrutura aeronáutica previstos nos Regulamentos Brasileiros de Aviação Civil, da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC).

4.2.2.3 Investimentos na gestão das vias do DAS

São diversos os problemas logísticos enfrentados pelos produtores rurais do DAS que vão desde a falta de uma malha viária adequada para o atendimento às necessidades de escoamento da produção com a devida segurança (*safety*) e custos razoáveis até as dificuldades advindas da falta de meios de comunicação (isolamento), falta de atendimento de emergência, segurança pública (*security*), entre outros. Considera-se fundamental, portanto, prover o DAS com melhores condições de infraestrutura sob pena de reprimir ou até inviabilizar a produção de alimentos, no local, inclusive com a criação de um sistema de indicadores socioeconômicos para gerenciamento.

Quanto aos aspectos de infraestrutura, os ramais do Distrito Agropecuário possuem, de modo geral, características bastante semelhantes: pavimentos com baixa capacidade de suporte (exceto em alguns trechos que receberam revestimento primário com material granular ou "piçarra"), subleito constituído de solos expansivos finos argilo-siltosos ou silto-arenosos, problemas graves de drenagem superficial em alguns trechos, falta de sinalização adequada e falta de iluminação pública.

Deve-se ressaltar, entretanto, que, sob o ponto de vista de estabilização geotécnica de pavimentos, houve recentes avanços científicos significativos, podendo-se destacar o uso de aditivos ao cimento para a estabilização de solos finos. Um exemplo a ser mencionado é o *RoadCem* - produzido pela *PowerCem Technologies BV*[9]. Trata-se de um aditivo ao cimento e tem por objetivo melhorar a capacidade de suporte de solos finos estabilizados quimicamente. Não obstante, necessário se faz a realização de ensaios em laboratório com amostras de solo dos ramais do Distrito Agropecuário da Suframa com vistas à verificação da melhoria do comportamento estrutural dos pavimentos (sob o ponto de vista técnico de engenharia), além da realização de análises socioeconômicas para a comprovação das vantagens e desvantagens do emprego desse tipo de solução.

[9] Empresa holandesa, cujo site é http://www.powercem.com/en/.